

Um
mundo de
oportunidades

V.6 2026

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

ANDRÉ CARLOS ALVES DE PAULA FILHO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

CLÉBER OLIVEIRA SOARES

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

MARCELO NARVAES FIADEIRO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CIBELLE DE ANDRADE SILVA

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Luís Rua

Augusto Billi

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Jennifer Santos Costa

Jennya Silva Brito

Equipe Técnica:

Rodrigo Lopes de Almeida

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Caio César Simão

Luciana Pich Gomes

Juçara Aparecida André Dokonal

Eduardo Magalhães

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Alessandro Fidelis

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Tiago Charão

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virgínia Arantes Ferreira Carpi

Roberto Carlos Papa

Carlos Turchetto

Fernanda Mascarenhas Magalhães

André Okubo

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Luna Lisboa

Frederique Abreu

Andréa Moura

Warley Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Lucas Fiuza

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Marcelo Cláudio Pereira

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

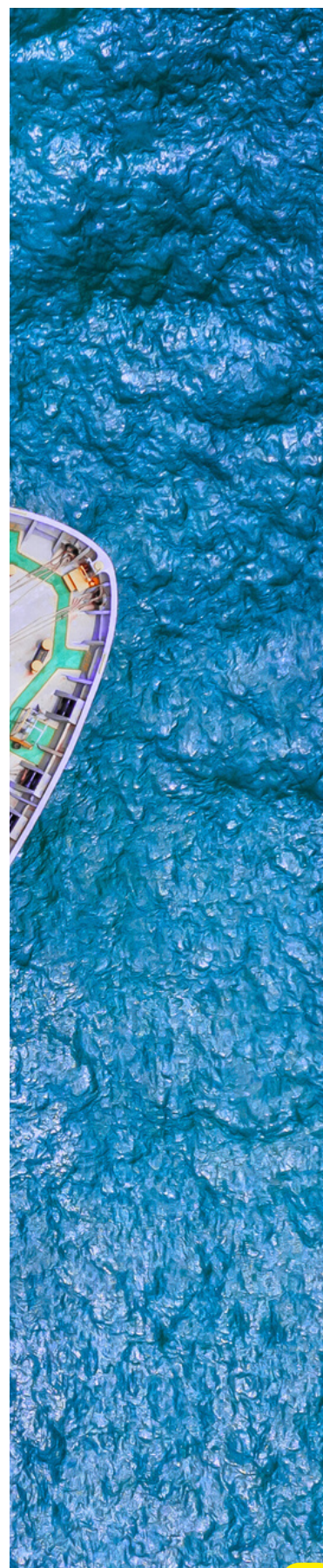
Resumo

O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro André de Paula e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.



بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ



DDG/DDGS NA ARÁBIA SAUDITA: ENTRE A ESCASSEZ DE FORRAGEM E A EXPANSÃO DA PECUÁRIA

Posto: Riade/Arábia Saudita

Palavras-chave: DDG; DDGS; Arábia Saudita; Exportações

Responsável: Caio César Simão, Adido Agrícola

SUMÁRIO:

A expansão da produção saudita de frango, ovos e leite, somada à manutenção de grandes rebanhos de ovinos e camelos em ambiente árido, amplia a dependência do Reino de ingredientes importados para ração. Milho, cevada e farelo de soja seguem como base da alimentação animal, mas o custo desses produtos interfere diretamente na competitividade da pecuária local. Diante disso, o DDG/DDGS surge como alternativa ainda pouco explorada, embora já conhecida no mercado saudita. O Brasil, por sua vez, passa a contar com oferta crescente do produto, impulsionada pela expansão do etanol de milho no Centro-Oeste. As exportações brasileiras avançaram em 2025 e começaram a alcançar novos mercados em 2026. A oportunidade brasileira está em desenvolver o uso do DDG/DDGS no Reino, que tem potencial para se tornar um grande importador dos coprodutos de etanol produzidos no Brasil.

A produção animal saudita e a dependência das rações formuladas

A Arábia Saudita vem tratando a produção local de alimentos como um dos principais pilares da Vision 2030. Nos últimos anos, o Reino tem buscado elevar a autossuficiência em proteínas de origem animal, sobretudo por meio do estímulo à produção de frango, ovos e leite.

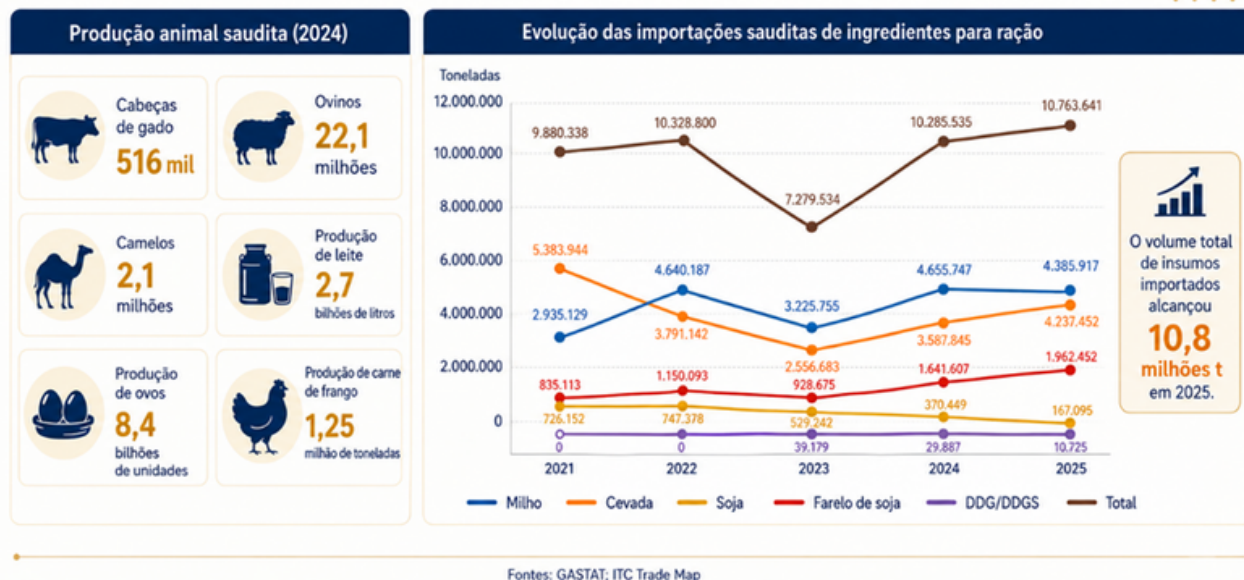
Segundo a General Authority for Statistics (GASTAT), o país produziu, em 2024, cerca de 1,2 milhão de toneladas de carne de frango, 8,4 bilhões de ovos e 2,8 bilhões de litros de leite. No mesmo ano, o rebanho bovino saudita somava cerca de 516 mil cabeças. Esses números indicam que aves e leite ocupam posição central na política saudita de segurança alimentar, com sistemas de produção fortemente dependentes de ração formulada.

Além da produção de aves e bovinos, a pecuária tradicional de ruminantes também exerce papel relevante no Reino. Em 2024, havia cerca de 22 milhões de ovinos e 2,24 milhões de camelos. Esses sistemas operam em um ambiente de forte restrição natural. O clima seco e a limitação legal à produção de forragens impõem a necessidade de alimentação suplementar por meio de rações formuladas.

A Arábia Saudita precisa alimentar, portanto, ao mesmo tempo, cadeias intensivas em crescimento e rebanhos numerosos adaptados ao ambiente árido. A severidade climática e as restrições legais à produção de forragens tornam a ração formulada indispensável no Reino. Essa dependência de insumos importados afeta tanto o manejo intensivo de aves e bovinos leiteiros quanto a suplementação de rebanhos tradicionais de ovinos e camelos.

Essa realidade é corroborada pelos dados sauditas de importação. Em 2025, milho e cevada responderam pelos maiores fluxos de ingredientes para ração, ambos acima de 4 milhões de toneladas, seguidos pelo farelo de soja, próximo de 1,9 milhão de toneladas. O milho sustenta principalmente a base energética das rações, com destaque para aves. A cevada mantém papel relevante na alimentação de ruminantes. O farelo de soja permanece como fonte proteica essencial em formulações de maior exigência.

Nesse cenário, o custo da ração interfere diretamente na competitividade da pecuária saudita. Quanto mais a Arábia Saudita avança na produção local de proteína animal, maior se torna sua exposição aos preços internacionais de milho, cevada, farelo de soja e demais ingredientes. É nessa conta que ingredientes alternativos como DDG e DDGS começam a merecer atenção.



DDG/DDGS: um ingrediente conhecido no mercado saudita, mas ainda pouco explorado

O DDG/DDGS é conhecido na Arábia Saudita, porém ainda não ocupa posição proporcional ao tamanho da demanda saudita por ingredientes de ração. Em 2025, foram importadas aproximadamente 11 mil toneladas de DDG/DDGS, com origem concentrada nos Estados Unidos e na Índia. Historicamente, a maior quantidade importada do produto foi no ano 2023, quando o volume alcançou 40 mil toneladas.

O setor leiteiro é o principal usuário de DDG/DDGS no país e tende a incorporá-lo quando o preço se mostra competitivo em relação ao milho. Por sua vez, os processadores locais de ração demandam o produto quando seu preço se aproxima de outras fontes de fibra, utilizando-o para substituir ingredientes como cascas e palhas.

Há ainda possibilidades menos desenvolvidas comercialmente no mercado saudita. O DDG/DDGS, como relevante fonte de proteína, pode substituir parcialmente o farelo de soja, com limitação percentual no uso para aves, em razão do menor teor de lisina e do maior índice de fibras no produto. Ainda assim, em formulações bem ajustadas, pode reduzir a necessidade marginal de farelo de soja, sobretudo em ruminantes e em momentos de proteína vegetal cara. A cevada, historicamente utilizada pelos sauditas em grandes volumes na dieta de ruminantes, também pode ser parcialmente substituída pelo DDG/DDGS.

A oferta brasileira de DDG/DDGS

Com o crescimento do etanol de milho no Centro-Oeste, a produção brasileira de DDG/DDGS saltou de 1,2 milhão de toneladas em 2020 para 5 milhões em 2025, sendo projetado um volume de 10 milhões de toneladas para 2033. O crescimento do etanol de milho, a política doméstica de biocombustíveis e a busca por maior valorização dos coprodutos devem garantir volume excedente de DDG/DDGS para o mercado exportador.

Os envios brasileiros foram iniciados em 2024, com 9.436 toneladas, e avançaram para 54.036 toneladas em 2025. Entre janeiro e abril de 2026, o Brasil embarcou 25.393 toneladas, com Indonésia, Vietnã e Turquia entre os principais destinos. O início de vendas para China e Bangladesh em 2026 indica que o produto brasileiro começa a ser testado por compradores de maior escala e por mercados relevantes de alimentação animal.

O Brasil é um conhecido fornecedor de milho à Arábia Saudita, país em que compradores valorizam vínculos duradouros com seus fornecedores. As exportações de DDG/DDGS, portanto, podem ser favorecidas pelas relações comerciais, logística e canais de compra de ingredientes para ração já estabelecidos, especialmente por se tratar de um mercado importador de grandes volumes de milho, cevada e farelo de soja, mas que ainda utiliza pouco os coprodutos de destilaria.

Estratégia para o Brasil: desenvolver o uso antes de disputar grandes volumes

O mercado saudita conhece o DDG/DDGS, mas ainda compra pouco e tem fornecimento concentrado nos Estados Unidos e na Índia. Para se tornar fornecedor do produto ao Reino, o Brasil precisa mostrar onde o DDG/DDGS pode funcionar melhor nas rações locais. O primeiro passo deve ser em direção à criação de gado leiteiro, na qual o ingrediente é mais comumente utilizado, e aos fabricantes de ração para os demais ruminantes, diante da necessidade saudita de alimentar ovinos e camelos em ambiente de baixa disponibilidade de forragens. A avicultura, embora seja o maior mercado potencial, deve ser foco de uma etapa posterior. Nesse segmento, o DDG/DDGS deve buscar espaço em formulações específicas, mas dependerá de conscientização local sobre limites de inclusão bem definidos e demonstração clara de impacto no custo final da ração.

A estratégia deve começar por compradores dispostos a testar o produto em formulações reais. A penetração comercial deve priorizar os confinamentos leiteiros e os fabricantes de ração para pequenos ruminantes. A abordagem exige o envio de laudos nutricionais detalhados (com foco em umidade e micotoxinas) e assistência técnica direta para demonstrar a viabilidade de substituição parcial da cevada e do farelo de soja.

A partir de um trabalho de desenvolvimento do mercado, aproveitando-se de canais comerciais estabelecidos com a Arábia Saudita, o exportador brasileiro pode se antecipar aos concorrentes tradicionais, consolidando sua participação enquanto o país descobre as múltiplas possibilidades de uso do DDG/DDGS.

DDG/DDGS:

Uma oportunidade no mercado saudita



1 A PRODUÇÃO ANIMAL SAUDITA E A DEPENDÊNCIA DAS RAÇÕES FORMULADAS

Produção em 2024



Rebanhos tradicionais em 2024



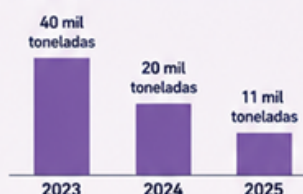
Importações de ingredientes para ração em 2025



A pecuária saudita depende de ingredientes que o país não produz em escala suficiente. O custo da ração impacta diretamente a competitividade.

2 DDG/DDGS: UM INGREDIENTE CONHECIDO NO MERCADO SAUDITA, MAS AINDA POUCO EXPLORADO

Importações de DDG/DDGS



Origem em 2025:
Estados Unidos e Índia

Principais usos atuais

- Setor leiteiro**
Usa o DDG/DDGS quando o preço é competitivo em relação ao milho.
- Ração animal**
Substitui ingredientes fibrosos como cascas e palhas quando o preço é competitivo.

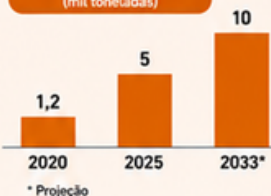
Possibilidades ainda pouco exploradas

- ✓ **Fonte de proteína**
Pode substituir parcialmente o farelo de soja, com limite de inclusão para aves devido ao menor teor de lisina e maior teor de fibras.
- ✓ **Substituição parcial da cevada**
Pode reduzir o uso de cevada na dieta de ruminantes.
- ✓ **Melhor equilíbrio de custos**
Em formulações bem ajustadas, contribui para reduzir o custo da ração, especialmente quando a proteína vegetal está cara.



3 A OFERTA BRASILEIRA DE DDG/DDGS

Produção brasileira (mil toneladas)



Exportações brasileiras (mil toneladas)

2024	9,4
2025	86,2
2026*	105,1

*Até abril / 2026

Tendência

Crescimento do etanol de milho e valorização de coprodutos mantém o DDG/DDGS no radar exportador.

Destinos alcançados em 2026*



4 ESTRATÉGIA PARA O BRASIL

- Desenvolver o uso do DDG/DDGS no Reino, com presença contínua no mercado saudita.
- Garantir regularidade e qualidade do produto, com especificações consistentes.
- Oferecer laudos nutricionais confiáveis e informações claras sobre o produto.
- Apoiar tecnicamente importadores e misturadores de ração em formulações.
- Expandir mercados e manter competitividade logística e comercial de forma sustentável.

